

Pedido a bancos pode ser reduzido

REGIS NESTROVSKI
Correspondente

NOVA YORK — O Assessor Especial para a Dívida Externa, Fernão Bracher, apresenta hoje aos bancos a proposta brasileira de financiamento para os próximos dois anos. Inicialmente, seriam pedidos US\$ 6,1 bilhões, de acordo com a estimativa feita pelo Governo no final de setembro, mas esse número está sendo reestudado e poderá haver uma redução para algo em torno de US\$ 5,5 bilhões.

Bracher passou a maior parte do dia em companhia do Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que esteve no Tesouro Americano e no Federal Reserve (Banco Central), em Washington. No Tesouro, ambos estiveram reunidos com David Mulford, enquanto no FED a reunião foi com o Presidente do Banco, Alan Greenspan. Os brasileiros foram pedir o apoio do Governo americano para o acordo provisório de US\$ 4,5 bilhões para 1987, que ainda não está concluído mas deve ser fechado até o final do mês, além de apoio ao pedido que será encaminhado hoje aos bancos credores.

O comitê credor reuniu-se à tarde e, durante duas horas, o Diretor da Dívida Externa do Banco Central, Antonio de Padua Seixas, esteve presente. Um

comunicado deverá ser divulgado hoje ou amanhã sobre o andamento do acordo provisório, que ainda não atingiu os US\$ 3 bilhões por parte dos bancos credores mas, segundo fontes bancárias, já atingiu 2/3 disso. Alguns credores esperam que o acordo esteja fechado até o dia 18 de dezembro, quando Bracher deverá retornar ao Brasil.

Já o acordo de 1988 e 1989, que prevê um desembolso de US\$ 6 bilhões, esta mais difícil, principalmente sem um compromisso formal do Brasil de ir ao FMI.

Ontem expirou o último prazo dos bancos para uma bonificação extra de 1/16 sobre a taxa londrina libor. Agora, até o dia 8, ou passando desta data, quem se juntar ao acordo receberá comissão de 1/8 acima da libor, além dos juros (7/8 acima da libor). Ou seja: o Brasil estará pagando um pouco menos de 9% no acordo provisório.

A diminuição do montante do pedido, junto com a moratória, são os fatores de barganha que ainda restam para o Brasil na negociação da dívida. Entretanto, mesmo com o acordo de 1987 estando praticamente fechado, todos concordam que, sem FMI, os acordos para 1988 e 1989 são uma missão quase impossível. No início da noite, Fernão Bracher ainda não tinha se reunido com os bancos credores na sede dos advogados do Citibank, a Sherman and Sterling.